

## UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO SOBRE TESES BRASILEIRAS QUE VERSAM SOBRE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA

Fernanda Marchiori Grave<sup>1</sup>  
Rodolfo Eduardo Vertuan<sup>2</sup>  
Clodis Boscarioli<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste artigo, tecemos um olhar epistemológico ao examinar as dissertações e teses que versam sobre a Insubordinação Criativa no Brasil, especificamente quando se trata da área da Educação Matemática. O tipo de pesquisa utilizada foi de caráter bibliográfico, na perspectiva de mapear teses e dissertações da base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O tratamento metodológico das fontes de pesquisa efetivou-se por meio da análise criteriosa das produções científicas. Os resultados encontrados no mapeamento revelam que as pesquisas se concentram nas narrativas e nos diversos aspectos que permeiam a percepção da identidade docente sobre Insubordinação Criativa na área da Educação Matemática.

**Palavras-chave:** Insubordinação Criativa; Educação Matemática; Epistemologia.

### INTRODUÇÃO

Neste artigo, realizamos um mapeamento das dissertações e teses que discorrem sobre Insubordinação Criativa na área da Educação Matemática, buscando tecer um olhar epistemológico de modo a construir fios para a elaboração de pesquisas futuras sobre esta temática. Logo, nosso ponto de partida foi identificar o conhecimento já elaborado e contribuições de pesquisas na constituição de propostas, os temas recorrentes e as lacunas para indicação de futuros trabalhos. Segundo Ferreira (2002), pesquisas denominadas estado da arte ou estado do conhecimento, são

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Matemática no PPGECEM na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel - PR, [fermgrave@gmail.com](mailto:fermgrave@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina – PR, [rodolfovertuan@utfpr.edu.br](mailto:rodolfovertuan@utfpr.edu.br);

<sup>3</sup> Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo - SP, [clodis.boscarioli@unioeste.br](mailto:clodis.boscarioli@unioeste.br).

formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (p. 258)

Cabe salientar, que consideramos a produção acadêmica como algo rico, em especial quando se trata do compromisso à redução das desigualdades sociais em um país que tem apresentado um cenário de avanços e retrocessos no âmbito das políticas educacionais. Nesse sentido, nos concentramos no mapeamento enquanto uma possibilidade de compreender um fenômeno (neste caso, a Insubordinação Criativa na Educação Matemática) onde, de forma geral, almejamos descobrir novos caminhos ou formas para mudar, melhorar, prever ou criar algo relativo ao fenômeno ou fato em questão. Neste sentido, segundo Biembengut (2008), mapear têm se tornado um recurso para construir uma referência ou um esquema teórico, na tentativa de se dispor de uma perspectiva ampla e geral de determinado assunto ou tema.

Nessa percepção, nossa proposta de texto consiste em uma pesquisa feita a partir de um levantamento bibliográfico com o objetivo de apresentar resultados de um mapeamento de dissertações e teses desenvolvidas na área de Educação Matemática no Brasil com foco na Insubordinação Criativa, para que possamos tecer um olhar epistemológico sobre estas pesquisas.

Quando nos propomos a tecer um olhar epistemológico sobre esses achados, buscamos a análise epistemológica que se fundamenta em considerar a necessidade e importância dos estudos mapeados, onde nos debruçamos então, na tentativa de tecer fios de compreensão sobre estas investigações científicas no campo do conhecimento da Educação Matemática. Acreditamos que este olhar possa estimular na ciência um processo de autorreflexão e autocrítica sobre seus resultados e sobre os processos e condições de produções futuras sobre esta temática.

Para o levantamento da produção acadêmica brasileira de trabalhos que tratam da Insubordinação Criativa, estabelecemos o critério de buscar dissertações e teses publicadas no Brasil na última década. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir dos dados existentes no banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses

e Dissertações (BDTD), buscando investigar quais teses e dissertações versam sobre Insubordinação Criativa. Para tal ação, fizemos uso, em julho de 2021 - das palavras-chave “Insubordinação Criativa” e “Educação Matemática”, onde localizamos apenas 2 trabalhos, sendo ambas as pesquisas, trabalhos em programas de Doutorado, no viés qualitativo.

Assim sendo, nesta oportunidade de escrita, inicialmente, discorreremos sobre a origem da Insubordinação Criativa, na sequência buscamos explicar a respeito da metodologia utilizada para a obtenção de trabalhos publicados sobre o tema em análise, para então exibir as análises realizadas neste trabalho de mapeamento buscando tecer um olhar epistemológico.

## **BREVE RECORTE SOBRE A INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA**

Em se tratando da Educação Matemática, Bicudo (2013) declara que a Educação Matemática se apresenta como área complexa de atuação, pois segundo a autora, traz, também de forma estrutural, em seu núcleo constitutivo, a Matemática e a Educação com suas especificidades. E isto posto, compreendemos que as especificidades podem se revelar de muitas maneiras, seja nas narrativas, nas posturas, nas ações cotidianas, nas vivências e experiências de cada educador, na sua individualidade, considerando o lugar que ele ocupa.

Neste sentido, quando tratamos da Insubordinação Criativa e seu surgimento, temos segundo D’Ambrosio e Lopes (2014), que os primeiros estudos a respeito de Insubordinação Criativa surgem em 1981 por Morris, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada em escolas de Chicago, que buscou identificar ações de tomada de decisão de diretores que transgrediam diretrizes superiores. O estudo revelou que alguns gestores acabavam desobedecendo ordens em prol da melhoria e do bem-estar da comunidade educacional, de modo a preservar princípios éticos, morais e de justiça social. Posteriormente, Hutchinson (1990) fez um estudo com enfermeiros, em que apresentou a expressão *subversão responsável*, designando-a como uma forma de descumprir regras a favor do paciente, estipulando alguns momentos de ação: a) avaliação da situação; b) previsão do melhor a ser feito; c) flexibilidade em relação às regras estabelecidas; d) finalização ética e social do procedimento.

Já em nosso país, o tema surge entre os anos de 1980 e 1990, no campo da Educação Matemática, em que várias pesquisas ganharam notoriedade internacional, ao voltar-se para compreender e colocar-se em posição de enfrentar a injustiça social causada por décadas de exclusão política, educacional e segregação cultural. Depois de anos de pesquisas, de discussões e ações na Educação Matemática, sem esgotamento sobre o assunto, as temáticas para a justiça social com o olhar para o bem-estar do próximo se transformam em um campo consolidado e fértil para estudos futuros. Nos Estados Unidos, Gutiérrez (2013) e, no Brasil, D'Ambrosio e Lopes (2014), se dedicaram para estudar e consolidar um novo campo de investigação: a Insubordinação Criativa no contexto da Educação Matemática.

Considerando as investigações sobre a Insubordinação Criativa na Educação Matemática, em especial as sustentadas por D'Ambrosio B. e Lopes (2014), essas consideram o conceito de subversão responsável (Hutchinson, 1990) como sinônimo de insubordinação criativa. Onde o professor, exercendo a sua autonomia, se insubordina às regras de maneira criativa, ou seja, interpreta, discorda, reflete, reorganiza a situação e atua subversiva e responsabilmente de maneira ética e habilidosa, em favor de uma melhor aprendizagem de seus estudantes (D'AMBROSIO; LOPES, 2014). É no viés de uma atitude criativa independente, de rompimento com o estabelecido, porém responsável, "...em prol da melhoria e do bem-estar da comunidade educacional de modo a preservar princípios éticos, morais e de justiça social" (D'AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 2), donde surge a Insubordinação Criativa.

No âmbito educacional, ações de insubordinação criativa se destacam como uma educação de gueto, de luta, de resistência a ideias limitantes que reivindicam seu espaço pelo tempo com o qual sempre foram realizadas. Diante disso, percebemos que a Insubordinação Criativa inaugura um outro processo, tanto em forma quanto em consequências. Todavia, se sustentando em um tripé: Criatividade, Autonomia e Cooperação, sempre compreendida como em constante movimento.

## **ANÁLISE DOS TRABALHOS**

Das teses encontradas, temos a pesquisa de Luci Fátima Montezuma, que foi

orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Lucia Brancaglion Passos, na Linha de Pesquisa em Educação em Ciências e Matemática no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, no ano de 2016, intitulada: Entre Fios e Teias de Formação: Narrativas de Professoras Que Trabalham com Matemática nos Anos Iniciais – Constituição da Docência e os Desafios da Profissão na Educação Pública Estadual Paulista Frente aos Programas de Governo no Período de 2012 a 2015.

Nesta oportunidade de pesquisa, Montezuma (2016) em sua abordagem qualitativa, contou com a participação de nove professoras polivalentes e experientes que ensinam Matemática para os anos iniciais, que atuam na Educação Pública Estadual Paulista, e que, ao longo dos anos de 2012 a 2015, produziram narrativas autobiográficas, escritas e/ou orais, a partir de entrevistas narrativas, considerando os processos formativos vivenciados ao longo de suas histórias de vida, com os olhares voltados, principalmente, para a Matemática, frente à implantação de programas de governo com foco nessa disciplina, nos anos iniciais: Educação Matemática para os Anos Iniciais–EMAI e Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa–PNAIC-Matemática.

Na pesquisa em questão, a autora reconhece que o modo de ser e de estar docente relaciona-se com a cultura instituída e experienciada pelos professores, tinha como objetivo compreender como se dá o processo de constituição da identidade docente de professoras experientes que trabalham com Matemática nos anos iniciais, frente aos programas de governo que impactaram o ensino da Matemática nos anos iniciais na Educação Pública Estadual Paulista no período entre os anos de 2012 a 2015, intitulados EMAI e PNAIC de Matemática, no sentido de compreender o processo de constituição da identidade docente das professoras colaboradoras ao longo do tempo, levantar indícios de desenvolvimento profissional e dos impactos das políticas públicas educacionais no exercício da docência.

Neste viés, a pesquisa buscou responder à questão investigativa, compreendendo como se dá o processo de constituição da identidade docente de professoras experientes, frente aos dois programas, e saber quais impactos foram gerados na prática docente delas, visto que, programas dessa natureza, interferem substancialmente no cotidiano das escolas. Para tanto, a análise das narrativas revela indícios de desenvolvimento

profissional das professoras a partir dos programas instituídos, mas sinaliza que, na prática de sala de aula, junto aos alunos, em determinadas situações, frente às suas concepções já fortemente arraigadas historicamente, elas entram em conflito com as orientações teórico-metodológicas propostas, e assumem práticas que poderiam ser consideradas como *insubordinação criativa*, quando o professor se atreve a criar e ousar na docência com o desejo de promover uma aprendizagem na qual os estudantes atribuem significados ao conhecimento.

Para tanto, a análise revela, como apontado nas pesquisas do campo da formação de professores, que ensinar é fazer escolhas em plena interação com os alunos, a começar dos saberes dos professores, das suas concepções, da ética e do compromisso profissional que têm com o exercício da docência. Os estudos também sinalizam o desconforto das professoras frente à precarização profissional sentida no trabalho docente, o que as deixa com receio sobre como será o destino desta categoria no futuro e, algumas vezes, até com um certo mal-estar docente.

Por outro lado, temos também, a pesquisa de Gabriela Félix Brião (2017), designada: Eu, uma Professora de Matemática em jornada narrativa em busca de meus Eus-professores em autoformação, apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro-SP e orientada pelo Prof. Dr. Ubiratan D’Ambrosio. A pesquisa é intitulada como insubordinada criativa, na qual, a partir de suas narrativas de vida entrelaçadas, é construído um enredo que conta como ela, uma professora de matemática e formadora de professores de matemática, chegou a tornar-se uma professora, formadora, além de uma pesquisadora em Educação Matemática.

Por se tratar de uma pesquisa narrativa autobiográfica, o trabalho apresenta características fortemente ligadas à pesquisa qualitativa. Durante a investigação sobre os processos (auto)formativos e identitários, enquanto sujeito da experiência, a autora analisa diversos episódios críticos, ao longo do texto, que apresentam indício de contradição viva e/ou insubordinação criativa para compor o corpo investigativo da tese. Com esta produção, a autora salienta que deseja encorajar outros professores, que são silenciados cotidianamente, a narrarem suas histórias, iniciando, assim, um processo poderoso de reflexão.

## TECENDO UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO

Nos Segundo Neves e Monteiro (2017), a epistemologia surge a partir de Platão, que se opunha à crença ou à opinião ao conhecimento. Segundo os autores, a crença é um ponto de vista subjetivo e o conhecimento é crença verdadeira e justificada. Em sua teoria, Platão diz que conhecimento é o conjunto de todas as informações que descrevem e explicam o mundo natural e social que nos rodeia. Nessa linha de pensamento, podemos dizer que "Epistemologia" significa, etimologicamente, discurso (logos) sobre a ciência (episteme). Donde, apesar de parecer um termo antigo, sua criação é recente, pois surgiu a partir do século XIX no vocabulário filosófico.

Em seu conceito mais amplo a epistemologia é um ramo da filosofia interessado na investigação da natureza, fontes e validade do conhecimento, sendo também chamada de teoria do conhecimento. Ela é um estudo científico que aborda problemas relacionados com a crença e o conhecimento e procura distinguir a ciência da pseudociência. Segundo Bachelard (1971), representante da moderna filosofia da ciência, a epistemologia estaria centrada na análise rigorosa do racionalismo, além de voltada prioritariamente para o estudo das ciências físicas. Para Gonçalves (1991) a "Epistemologia debruça-se reflexivamente sobre a obtenção dos conhecimentos pela Ciência, na tentativa de esclarecê-los em profundidade". Já Japiassu (1977, p.27) atribui à epistemologia um caráter essencialmente diacrônico, em sintonia com sua concepção contemporânea:

A tarefa da epistemologia consiste em conhecer este devir e em analisar todas as etapas de sua estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório, jamais acabado ou definitivo. É neste sentido que podemos conceituá-la como essa disciplina cuja função essencial consiste em submeter a prática dos cientistas a uma reflexão que, diferentemente da filosofia clássica do conhecimento, toma por objeto, não mais uma ciência feita, uma ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade, de coerência ou os títulos de legitimidade, mas as ciências em vias de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva.

Com o passar dos anos, a ciência foi buscando e construindo um espaço na sociedade e, se consolidando pelos estudos e experiências. A busca pela verdade sempre foi uma inquietação do ser humano, com isso, surgem as primeiras teorias e pesquisas,

dentro de um leque de conhecimentos que a cada dia se torna maior. Nesse sentido, ao tecer um olhar epistemológico sobre esse mapeamento, buscamos aqui contribuir para o desenvolvimento das ciências em geral, onde compreendemos como uma etapa indispensável no cenário mundial e educacional.

Klüber (2016), argumenta que a função da epistemologia, quando tratamos da pesquisa científica, é demonstrar uma condição de vigilância interna, como uma reflexão constante, contrapondo-se às posições dogmáticas, tanto de ciência, quanto de concepção de ciência. O autor ainda defende que a epistemologia questiona e orienta condições de objetividade da pesquisa.

São muitas as linhas e tendências que surgem no viés investigativo no que tange a Educação Matemática. Nesse sentido, faz-se necessário o pesquisador conhecer a epistemologia da sua pesquisa, pois esse saber fundamentará também sua prática, em suas ações cotidianas e suas insubordinações. Pois seja enquanto pesquisador ou educador, temos que estar atentos e em constante reflexão à procura do conhecimento, buscando manter esse perfil crítico, investigativo e questionador.

É nessa tomada de consciência que a Insubordinação nos convida a nos estranharmos mais e a buscar elementos e temas que não são/estão óbvios. É agir como a criança que, curiosa, sempre pergunta “por que” e qual o nome das coisas. E assim, compreendemos que o trabalho do educador não é servir ao sistema que nos é apresentado, e neste sentido, que o papel de cada indivíduo se dá de acordo com suas potencialidades e bagagens, assim como a Insubordinação Criativa defende.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Apresentamos um olhar sobre as teses desenvolvidas na área de Educação Matemática no Brasil com foco na Insubordinação Criativa, uma vez que não encontramos em nosso mapeamento dissertações que versassem sobre a temática em tela no período e na ferramenta de busca considerados, buscando identificar o conhecimento já elaborado e contribuições de pesquisas na constituição de propostas, os temas recorrentes e as lacunas que possam existir para indicação de futuros trabalhos, para então tecer um olhar epistemológico sobre estas pesquisas.

Quando realizamos a busca com o objetivo de levantar a produção acadêmica brasileira de trabalhos que tratam da Insubordinação Criativa, optamos por estabelecer como critério de buscar dissertações e teses publicadas no Brasil na última década. Temos consciência que ao realizar uma escolha, fazemos outras tantas abdições, no entanto, quando estamos na academia, isso é mais que necessário. Mas, o caminho trilhado já nos permitiu verificar que este é um viés de pesquisa pouco explorado em nosso país, ficando evidente o principal viés de pesquisa quando se trata de Insubordinação Criativa na área da Educação Matemática, que são narrativas e identidade docente. Em ambas as teses analisadas, não encontramos dificuldades para identificar os objetivos estabelecidos, bem como informações que fossem relevantes sobre métodos, referenciais teóricos, descobertas realizadas, resultados obtidos, conclusões e recomendações para outros trabalhos.

Pensamos que a experiência sempre nos renova. Hoje já não somos o mesmo de ontem. O tempo, igualmente, nos modifica. Nesse sentido, compreendemos que a questão da experiência e da identidade se revelam nos trabalhos analisados e nós, enquanto leitores atentos dessas produções, percebemos as pesquisas como possibilidades de repensar nossas ações e práticas diárias.

E para além disso, em ambas as pesquisas consideradas, as autoras nos convidam para uma análise de uma dimensão normalmente silenciadas em pesquisas científicas, que é esse enfrentamento às regras que nos são impostas. Isto posto, a dimensão epistemológica manifesta-se, talvez não de maneira explícita, mas surge baseada numa preocupação do cuidado com a ação ética e política que aflora quando as pesquisadoras expõem as narrativas, versam sobre a identidade e dissertam a respeito da experiência.

Percebemos, ao examinar essas teses, que a própria curiosidade, como parte do fenômeno da vida do educador/pesquisador, possibilita os primeiros passos da busca ininterrupta e permanente pelo saber e pelo conhecimento, donde o ser humano, único em seus processos, na sua condição de inacabamento (podendo ser ingênua e caracterizada pelo senso comum, ou epistemológica, severamente crítica e metódica), se constitui construtor de conhecimentos. Logo, o conhecimento autêntico é produzido pelo próprio homem, indivíduo que atua na educação e pesquisa, na e pela reflexão-ação, na busca epistemológica. Portanto, o diálogo, a construção da identidade docente e a própria composição de narrativas de vidas; são vitais para selar o conhecimento, pois

propiciam a problematização e reflexão, gerando sentidos, que podem orientar ações no campo da Educação Matemática; pois são os olhares dos sujeitos tolerantes e flexíveis que compartilham o processo problematizador, crítico, trazendo os conflitos e confrontos em suas pesquisas, que averiguam o conhecimento partilhado, como um critério de veracidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS MOMENTÂNEAS

Diante do aqui exposto, dos estudos que estamos realizando e dos objetivos de pesquisa futuros; acreditamos que ao tecer esse olhar epistemológico sobre o mapeamento a respeito dos trabalhos existentes no Brasil sobre a Insubordinação Criativa, podemos contribuir de maneira significativa tanto para nós - por almejarmos nos enveredar pelos caminhos da Insubordinação Criativa em pesquisas futuras, como para a comunidade da área da Educação Matemática como um todo.

Acreditamos que a curiosidade epistemológica pode ser compreendida como conscientização, proporcionando ao educador/pesquisador o interesse, o desejo e a capacidade necessários para ir além da mera constatação, impulsionando-o à busca da razão de ser, mediante o uso sério da reflexão e a ação.

O que conseguimos sentir no processo de estudo e escrita deste texto é que precisamos aceitar que há um movimento constante de transformações de práticas educacionais, práticas que fazem parte de muitos grupos e contextos que normalmente não são evidenciados. Nós, enquanto educadores e pesquisadores da área da Educação Matemática, acreditamos que a educação deve estar centrada na condição humana. Um mundo que é o solo de nossos encontros com o outro, onde se descortina nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões, nossos momentos construtivos.

Por isso, ao tecer esse olhar e esse texto, visualizamos muitos fios para nos conduzir nesses encaminhamentos futuros, uma vez que após realizar este mapeamento e tecer esse olhar epistemológico, percebemos que a compreensão das pesquisas na área da Educação Matemática que tratam sobre a Insubordinação Criativa, ainda são escassas. E nesse viés, que acreditamos conseguir contribuir num futuro próximo, abrindo novas possibilidades de pesquisa e de avanços; seja a partir de atitudes insubordinadamente criativas, narrativas construídas nestes cenários, análise da identidade docente nesta

perspectiva, ou ainda, em outras tantas possibilidades que meus olhos incipientes ainda não alcançam.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 1971.

BIEMBENGUT, M. S. Mapeamento na pesquisa educacional. Rio de Janeiro: Ciência Moderna. 2008.

BRIÃO, G. Eu, uma professora de matemática em jornada narrativa em busca de meus eus-professores em autoformação. Tese de Doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, Brasil, 2017.

D'AMBROSIO, B., LOPES, C. Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas. (1ª ed) Campinas, SP: Mercado de Letras: 2014.

FERREIRA, N. S. A. **As pesquisas denominadas 'estado da arte'**. Educação & Sociedade, ano 23, p. 257-272. 2002.

GONÇALVES, Raquel. **Ciência, Pós-Ciência, Metaciência – tradição, inovação e renovação**. Lisboa: Terramar, 1991.

GUTIÉRREZ, R. Mathematics teachers using creative insubordination to advocate for student understanding and robust mathematical identities. In M. Martinez & A. Superfine (Eds.). Proceedings of the 35<sup>th</sup> annual meeting of the North American Chapter of the International Group for the Psychology of Mathematics Education. Chicago, IL: University of Illinois at Chicago. 2013.

HUTCHINSON, S. Responsible subversion: A study of rule-bending among nurses. Scholarly Inquiry for Nursing Practice an International Journal, v. 4, n; 1, p.3-17,

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1977.

KLÜBER, T. E. A disciplina de epistemologia e a formação de pesquisadores na área de ensino. **Revista Ensino & Pesquisa.**, v. 14, Suplemento Especial 2016, p. 6-17. ISSN 2359-4381 online.

MONTEZUMA, L. F. Entre fios e teias de formação: narrativas de professoras que trabalham com Matemática nos anos iniciais - constituição da docência e os desafios da profissão na educação pública estadual paulista frente aos programas de governo no período de 2012 a 2015. 2016. 326 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2016.

NEVES, I., MONTEIRO, G. Uma reflexão sobre as contribuições epistemológicas para o Ensino da Matemática. **Revista de Ensino e de Ciências e Humanidades – Cidadania e Bem-estar**, UFMA, Ano 1, v 1, p. 70-88, julho-dezembro, 2017.